

XAVIER, Bárbara Rossi. Bem-estar animal na insensibilização de suínos durante o abate. Bragança paulista, SP: FESB, 2014. (IMPRESSO)

RESUMO

Questões inerentes a relação do homem e dos animais são discutidas desde o tempo dos primeiros filósofos, entretanto, apenas há algumas décadas o tema vem ganhando espaço na sociedade, devido a intensificação da produção de alimentos de origem animal e o tratamento muitas vezes cruel designado a estes durante o processo. A preocupação com o sofrimento dos animais levou ao surgimento do “bem-estar animal” pode ser definido como um estado de completa saúde física e mental, em que o animal está em harmonia com o ambiente que o rodeia. Essas inquietações de origem éticas levaram o consumidor, procurar alimentos provenientes de animais que tenham sido criados e abatidos com bem-estar animal. A carne suína é mais consumida no mundo e o Brasil é o quarto maior produtor, sendo de suma importância a adequação as normas de bem-estar animal para garantirem a venda de seu produto. A imagem da produção de carne suína e a economia da indústria de carnes só podem ser melhoradas através do controle adequado dos vários estágios da produção de suínos, especialmente do abate. Para atender às normas de bem-estar dentro das etapas de abate dos animais, criou-se então o termo “abate humanitário” que de acordo com a Instrução Normativa nº.3, de 17 de Janeiro de 2000 do Ministério da Agricultura pecuária e Abastecimento (MAPA) é o conjunto de diretrizes técnicas e científicas que garantam bem-estar dos animais desde a recepção até a operação de sangria. Uma etapa fundamental para se garantir o abate dentro dos princípios humanitários é o atordoamento ou insensibilização. Para que ocorra uma insensibilização adequada é de suma importância que os estabelecimentos de abate cumpram com os requisitos, principais que a construção, instalações e os equipamentos, bem como o seu funcionamento devem poupar os animais de qualquer excitação, dor ou sofrimento. É fundamental que o processo de insensibilização seja constantemente monitorado, verificando os sinais de inconsciência dos suínos submetidos ao atordoamento. Se realizado corretamente os animais apresentam: colapso imediato; ausência de respiração rítmica; pupila fixa e dilatada; ausência de reflexo corneal e intensos pedaleios involuntários. Se houver falha na insensibilização, é imprescindível que o equipamento de emergência esteja em local de fácil e rápido acesso e com manutenção periódica, para que o suíno receba a quantidade de corrente elétrica suficiente e os eletrodos estejam em ótimo estado de conservação.